

Yolanda Gampel*

Turbulência na clínica psicanalítica

Desde hoje, 9 de novembro de 2016, dia em que começo a escrever este texto, Donald J. Trump é o presidente eleito dos Estados Unidos. É uma turbulência na constante turbulência do mundo, uma ruptura imprevisível. Um acontecimento, no sentido de Badiou (2005)? Turbulência é aquilo que perturba, obscurece ou agita uma situação em estado de aparente equilíbrio. O estado de turbulência se correlaciona com uma mudança catastrófica que, como tal, traz em sua violência não só a perturbação do sistema afetado, mas também a persistência do propriamente invariante que subjaz a qualquer transformação (Gampel, 2006).

Um acontecimento ocorre quando a parte excluída aparece na cena social repentina e drasticamente. A aparência de normalidade se rompe, e abre-se um espaço para repensar a realidade a partir do ponto de vista de sua base real na multiplicidade inconsistente. Um acontecimento anuncia que outro mundo é possível. Ao exercer a psicanálise na América do Sul e Central, no Oriente Médio – e agora também em outras partes do globo – abarcar-se o impensado e o inexprimível, o imprevisível (Gampel, 2016).

Como assumir o político na sessão, ou esses produtos da subjetividade social, que incluem um saber e um conhecer criadores de mitos e crenças que pareciam irrefutáveis? Incluímo-nos neste campo, ou nos excluímos? A decisão de incluir-se está associada com a ideia de intervenção. Uma intervenção é uma forma de nomear ou analisar um acontecimento sem negá-lo, sem anular a subjetividade e as diferenças de cada um – paciente e terapeuta – e, dentro dessa tensão, produzir algo diferente.

O não incluído – o reprimido, a negação, a recusa ou a incapacidade de reconhecer e lidar com um evento traumático, os preconceitos que vão se instalando para justificar o não pensar – pode se converter, a qualquer momento, no espaço da revolta. A parte excluída aparece na cena social de repente e drasticamente, na multiplicidade inconsistente.

Em 8 de novembro, os norte-americanos votaram em Donald J. Trump. Os pacientes,

* Sociedade Psicanalítica de Israel.

mobilizados ante esse evento, mencionaram-no na sessão. Em meus 54 anos de vida em Israel, tendo passado por tantas guerras, atentados, destruições, não me lembro de uma mobilização tão generalizada em meu consultório (Gampel, 2016b). O político aparece como excesso, como demasiado cheio de realidade. A pergunta é o que é esse dizer na sessão, e como trabalhá-lo. Para os nossos pacientes, é um conflito que não tem nada a ver com psicanálise. Apresenta-nos o ser como indivíduo no mundo, seu devir, a política e seu desenvolvimento como sujeito do social. Em minha reflexão, acompanhou-me Janine Puget com sua noção de mundos sobrepostos (Puget e Wender, 1982), os conceitos desenvolvidos em “Subjetivação descontínua e psicanálise” (2014) e longas conversas e intervenções sobre o tema, sem nenhuma expectativa de saber o que fazer.

A (meu primeiro paciente da manhã, um jurista): Trump ganhou. Você esperava? O que vai acontecer? Que horror, um cara como esse. O que você acha? É preocupante. O que vamos fazer?

Eu dou de ombros. Sugiro intervir a partir da tensão que o acontecimento ocorrido causa entre os dois. Aponto que George Bernard Shaw, com sua aguda ironia, escreveu que a democracia é um instrumento que nos garante que não vão nos controlar melhor do que merecemos. “Sim, parece correto” diz A. “E como, a partir do seu trabalho, é possível pensar a situação para gerar uma resposta?” pergunto-lhe. A dá de ombros.

B (um psicanalista): Cheguei de táxi. O taxista, muito satisfeito com o triunfo de Trump, me diz: “Uma mulher, com sua cabecinha de mulher, não pode cuidar desse país tão importante e poderoso. É necessário um homem, um homem”. Disse isso de maneira tão simples, e muitos terão pensado o mesmo. Nunca uma mulher.

Y: E a parte excluída aparece na cena social, repentina e drasticamente.

B: Como na minha vida agora.

Y: O mundo e a política surpreendem, assim como, às vezes, nos surpreendemos com nós mesmos quando reagimos de maneira muito diferente do que acreditamos ser e poder fazer.

Também pensei que B poderia estar falando de uma posição mental que não tolera a dependência de sua analista mulher, que não tolera seus próprios aspectos receptivos, que podem fazer com que o considerem frágil.

C (a mãe que sempre pensa em como salvar seus filhos do perigo daqui): A ilusão de voar para os Estados Unidos, Trump a deixou em pedacinhos. O que vamos fazer, Yolanda?

Y: Talvez tenha aparecido a verdadeira face desse país, sua face profunda e terrível, irrevogável e permanente.

C: Eu sentia que, como consequência de um evento passado, frente a meus medos da realidade aqui, os Estados Unidos era o lugar de abrigo, mas agora esse sentimento foi jogado fora por um acontecimento do presente.

D (diretor de teatro): Triste, a mentira do mundo... um personagem como Trump, que usou uma linguagem xenófoba, como a que usou Hitler para semear o medo na década de 30. São responsáveis por criar um clima tóxico, onde o ódio ganhou e se considera uma resposta aceitável para a ira.

Y: O ódio é uma emoção fácil de provocar, mas difícil de controlar.

No final do dia, fui construindo diferentes respostas para o estado de ânimo que se criou em cada sessão frente à situação política, e o meu próprio. Será que se construiu nas sessões um território para acomodar o que causa conflito no presente? No presente da sessão aparece o impensado, o inexprimível, o inexato... e a necessidade, na forma de uma demanda para fazer alguma coisa. Trabalhamos na borda, na cesura, nem dentro nem fora: estamos em um dentro da sessão e, ao mesmo tempo, na realidade em que vivemos.

Nessas conversas, surgem elementos recebidos e não transformados, ou seja, angústias e estados emocionais que poderíamos definir como protoemocionais, distantes, arcaicos. Nossa atenção deve ser absoluta presença para capturar até os mínimos detalhes no presente da sessão, no país, no contexto do mundo. Os problemas que enfrentamos se referem aos mundos sobrepostos, o mundo onde analista e analisando existem. Trata-se de uma história

emocional tecida entre paciente e analista, na qual não se procura a decodificação de equivalentes preexistentes, mas a construção de significados que podem ser compartilhados e criem, pouco a pouco, uma maneira de aprender a viver no excesso deste mundo, na vida de todos os dias. Para fazer isso, é preciso pensar com instrumentos que ainda não conhecemos.

Como analistas, aderimos à verdade na dúvida, à incerteza, à hesitação. Sabemos que verdades absolutas levam ao fanatismo, com seus efeitos e derivações. A ordem política de hoje é consequência do desmembramento da ordem liberal, que levou a um populismo que não assume nenhuma responsabilidade por nada. “Onde está a esperança?”, me pergunto. Audácia, Yolanda, audácia – digo a mim mesma. Sempre coragem e audácia.

Referências

- Badiou, A. (2005). *Being and event* (Trad. Oliver Feltham). Londres: Continuum.
- Gampel, Y. (2006). *Esos padres que viven a través de mí. Los niños de guerras*. Buenos Aires: Paidós.
- Gampel, Y. (2016a). La pasión herida. La experiencia subjetiva particular de una psicoanalista israelí. En Vertzner Marucco, A. (Ed.), *De pánicos y furias. La clínica del desborde*. Buenos Aires: Lugar/APA.
- Gampel, Y. (2016b). *El trauma social y sus efectos*. Conferencia dada en el X Congreso Argentino de Psicoanálisis, Buenos Aires, mayo.
- Puget, J. (2014). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbres y certezas*. Buenos Aires: Lugar Editorial.